

“(…) não basta saber se alguém pode chegar à resposta certa. Antes deve-se olhar para os passos mentais que a pessoa que está sendo submetida ao teste executa para resolver o problema, identificar as dificuldades encontradas e, na medida do possível, imaginar como ajudar essa pessoa e outras a solucionar itens desse tipo.”(p.35)

Diversos são os autores que estudam inteligência e superdotação e que apresentam pensamentos que convergem com os de Gardner e Sternberg. Segundo Sabatella (2008), Clark afirmou, em 1992, que:

“O conceito de inteligência e, também, de superdotação, não estará por muito tempo confinado apenas à cognição, pois precisa incluir todas as funções cerebrais e seu uso integrado e eficiente. Assim, a inteligência poderá ser vista como um agregado do funcionamento cognitivo, afetivo, intuitivo e físico do indivíduo.” (p.40)

As teorias atuais que tratam da inteligência consideram também com grande ênfase as influências do meio, oportunizando ou inibindo o seu desenvolvimento.

De modo geral, a citação de Teyler (1977), apresentada por Sabatella (2008), traz um bom resumo da visão de inteligência que adotamos neste trabalho:

“Podemos considerar a inteligência como um fenômeno pluralístico, resultante da combinação, desenvolvimento e inter-relação de todas as funções do cérebro humano e que pode ser ampliada ou inibida pela interação entre os padrões genéticos herdados e as oportunidades proporcionadas pelo meio.” (p.46)

2.1.2 Superdotação

Como múltiplas são as definições de inteligência, são também múltiplas as conceituações de superdotação.

Uma definição unânime entre os autores de área é de que: possuem AH/SD os indivíduos com habilidade acima da média em uma ou mais áreas do conhecimento quando comparados com outros indivíduos da mesma faixa etária.

Uma característica inegável é a “(...) dedicação desmedida, que não se vê em crianças ou jovens da mesma idade. É uma capacidade de concentração por períodos de tempo muito superiores ao que se espera de alunos nas mesmas condições e de igual idade” (Gama, 2006, p.83). Vale frisar que tal dedicação é verificada quando direcionada a assuntos e o atraíam: *“Eu aprendo as coisas muito rapidamente, sou muito exigente, então, explicações para mim tem que ser, tem que ter uma explicação técnica, senão eu perco totalmente o interesse”* (Marcos, 2011).

No Brasil, o termo “superdotação” vem sendo questionado, especialmente devido ao prefixo “super”. Não é fácil encontrarmos uma tradução adequada para a palavra inglesa “gifted”, que designa os superdotados. A tradução literal seria “dotado”, mas já que na nossa língua somente “dotado” não parece apropriado, muitos outros termos têm sido sugeridos e utilizados para designar esse fenômeno, tais como: altas habilidades, muito capazes, capacidade elevada, talento, bem dotado etc. Ocorre que, ao participarmos de congressos ou escrevermos artigos usando qualquer outro termo que não inclua a palavra “superdotação”, os ouvintes não entendem bem do que estamos tratando. Basta mencionar a “superdotação” para que todos se situem. Essa discussão é bastante atual, tendo sido um dos focos do I Congresso Internacional sobre Altas Habilidades / Superdotação, em Curitiba, em 2010. Acredita-se que a mudança na terminologia pode nos auxiliar a modificar a imagem social que os indivíduos a quem se atribui a superdotação têm e, dessa forma, incentivar ações em seu benefício. O termo empregado pelo Ministério da Educação tem sido “Altas Habilidades/Superdotação” (AH/SD), sendo esta a expressão que está sendo adotada no presente trabalho. Vale ressaltar, porém, que mais importante do que o nome que se utiliza é como concebemos e o que fazemos ou deixamos de fazer em benefício dos indivíduos assim caracterizados. Existem crianças com AH/SD? Elas precisam de apoio? Elas são sempre aceleradas e de difícil relacionamento interpessoal? Sabemos como nos relacionar com elas? Essas e outras questões serão abordadas mais adiante no intuito de romper com os estereótipos e esclarecer quem são as pessoas com AH/SD, como ajudá-las e por que ajudá-las.

Ao iniciar seus estudos sobre superdotação, no final da década de 1960, Joseph S. Renzulli não deixou de considerar tudo o que já havia sido escrito sobre AH/SD e muito menos os estudos que já haviam sido realizados. Segundo o autor, “(...) os defensores dos programas especiais terão que se tornar tão confiantes nas práticas que eles apóiam quanto nas que rejeitam” (2004, p.92). O autor encontrou na literatura da época dois focos principais que justificariam o oferecimento de programas especiais aos superdotados: “fornecer aos jovens oportunidades para um maior crescimento cognitivo e auto-realização” e “aumentar a reserva social de pessoas que ajudarão a solucionar os problemas da sociedade contemporânea (...)” (Renzulli, 2004, p.81). Esta segunda justificativa é ainda encontrada na literatura atual, sendo citada por diversos autores, como Freeman e Guenter (2000), Landau (1990), Sabatella (2008), Fleith e Alencar (2007).

“Mais do que nunca necessitamos de pessoas talentosas em todos os campos de interação humana – ciência, arte, economia, política -, uma vez que jamais nos encontramos expostos a perigos de proporções tão gigantescas. E nossas crianças superdotadas de hoje, os adultos do futuro, terão nas mãos o destino do mundo.” (Landau, 1990, p.157)

O “perigo” na insistência desse tipo de visão é reforçar a ideia de que é preciso investir nos indivíduos com AH/SD somente porque o mundo precisa delas, porque são úteis ao mundo, deixando de lado a visão de que precisam de investimento para que possam ter a oportunidade de, parafraseando a Dra. Erika Landau, se tornarem “quem são”, como todo e qualquer ser humano. Mas há também vantagens nesse tipo de raciocínio: segundo Renzulli, essa visão de investimento social é particularmente útil para se conseguir apoio legislativo e financeiro. Por outro lado, é preciso cuidar para não subestimar as potencialidade dos demais; além disso, também deve-se alertar para o perigo de uma concepção que considera que o poder e, por decorrência, as grandes decisões, sejam exclusivas de um só grupo de pessoas. Essa concepção, de caráter ideológico, tem sido defendida desde a Antiguidade e suas consequências devastadoras para a história humana.

Quando começou a escrever sobre a temática das AH/SD, Renzulli teve dificuldade de acesso às diretorias de ensino dos estados. Os diretores estaduais de

programas para superdotados não aceitavam os seus escritos, que acabavam sendo mais aceitos em publicações de áreas como as ciências sociais do que a própria educação. Em 1978, Renzulli teve seu artigo “Concepção de Superdotação dos Três Anéis” (*The Three-Ring Conception of Giftedness*) rejeitado em publicações da área de educação, tendo sido relacionado no índice de publicações das ciências sociais como sendo a publicação mais citada na área.

As principais contribuições de Renzulli no campo das AH/SD partem de sua própria concepção de superdotação, que dá origem à “Teoria dos Três Anéis” (referencial teórico para as práticas de identificação) e ao “Modelo Triádico de Enriquecimento” (implementação de programas específicos). Mais adiante em sua carreira, o teórico desenvolveu novos estudos e apresentou o “Modelo de Enriquecimento para Toda a Escola”, uma proposta que visa dar mais oportunidades para que todo e qualquer estudante possa descobrir e desenvolver seus talentos. Veremos um pouco sobre cada uma dessas teorias.

Começaremos tratando da identificação dos superdotados apresentada na “Teoria dos Três Anéis”. Renzulli (1999) critica a seleção feita exclusivamente pelo QI e propõe uma ampliação do conceito de superdotação, afirmando que os programas que atendiam as pessoas selecionadas como tendo AH/SD estariam excluindo crianças que deles poderiam fazer parte com sucesso. Em suas próprias palavras:

“(...) os programas para superdotados que confiam nos procedimentos tradicionais de identificação podem estar atendendo os alunos certos, mas, sem dúvida, estão excluindo um grande número de alunos bem acima da média que, se receberem oportunidades, recursos e incentivo, também são capazes de produzir bons produtos.” (p.90)

Renzulli reconhece, ao estudar a superdotação e observar pessoas com capacidades incomuns (jovens e adultos), que o alto desempenho em testes psicológicos não é garantia de alta produtividade:

“Os altos níveis de produtividade somente podem ocorrer quando a capacidade acima da média interage com outros fatores, tais como o comprometimento com a tarefa e a criatividade.” (Renzulli, 2004, p.90)

A “Teoria dos Três Anéis” é apresentada por Renzulli na forma gráfica de um diagrama de Venn (figura 1). Tal forma de representação permitiu-lhe alcançar a dinamicidade da teoria: “propriedades de movimento, interação, mudança e energia contínuas e não um estado fixo e estático” (Renzulli, 1999, p.84).

Ao apresentar a citada teoria, sugere que sejam incluídos entre os critérios de seleção, além da tradicional “habilidade acima da média”, os fatores “criatividade” e “compromisso com a tarefa”.



Figura 1: Modelo dos três anéis

Fonte: Renzulli et. al. *Systems & Models for developing programs for the gifted & talented*. United States of America: Creative Learning Press, 2009, p.325.

Na intersecção dos três anéis estaria o indivíduo superdotado: “Os altos níveis de produtividade somente podem ocorrer quando a capacidade acima da média interage com outros fatores, tais como o compromisso com a tarefa e a criatividade” (Renzulli, 1999, p.99). A área exterior aos três anéis é definida pelo autor como sendo “as influências de interação entre a personalidade e o meio ambiente” (2009, p.325).

Vale frisar que o “compromisso com a tarefa”, também compreendido como “motivação”, é um dos fatores primordiais para que a criança atinja as AH/SD. Há que oferecer oportunidades atraentes aos olhares da criança para que ela própria possa dedicar-se com afinco ao estudo de determinada temática. Sem motivação não há

desenvolvimento superior e grande motivação pode levar a altos graus de excelência. Freeman e Guenter (2000), tratando de um modelo aplicado a crianças que já haviam sido identificadas como sendo acima da média, afirmam: “Embora os alunos sejam, em geral, acima da média, foi verificado que o indicador mais importante de sucesso é o alto grau de motivação dentro da área escolhida” (p.57).

Por isso, em alguns programas específicos para crianças com AH/SD costuma-se oferecer vaga para crianças que, mesmo que não apresentem talento especial específico, tenham grande motivação para o ingresso no programa. A motivação pode ser o primeiro passo para o desabrochar de seus talentos.

Renzulli (1999) propõe dois grupos de superdotação: a acadêmica e a produtivo-criativa. A primeira relaciona-se aos conteúdos curriculares da escola, referente àqueles alunos que apresentam um excelente desempenho escolar; pode ser detectada principalmente pela verificação dos escores de testes, notas escolares e ainda pelas classificações dos professores. A segunda (produtivo-criativa) “descreve aspectos da atividade e do envolvimento humanos nos quais se incentiva o desenvolvimento de ideias, produtos, expressões artísticas originais e áreas do conhecimento que são propositalmente concebidas para ter impacto sobre uma ou mais plateias-alvo (*target audiences*)” (p.83). A identificação desse tipo de superdotado, diferente da outra, é subjetiva, fazendo-se necessária uma observação temporal e contextual.

A superdotação acadêmica é contemplada principalmente no anel da habilidade acima da média e tende a permanecer estável ao longo do tempo. Já “as pessoas altamente criativas e produtivas têm altos e baixos no rendimento de alto nível” (Renzulli, 1999, p.83). Ele acredita ainda que tal oscilação seja benéfica, já que os momentos de menor produtividade permitiriam “a reflexão, a regeneração e acumulação das entradas (inputs) para os esforços subsequentes” (Renzulli, 1999, p.83).

A proposta do autor é de que sejam incluídas nos programas especiais não somente as crianças com desempenho acadêmico brilhante, mas também as que apresentam destaque em suas produções criativas, e vai além: que sejam incluídas não

somente as crianças que apresentem um talento diferenciado, mas também aquelas que possuam um potencial para desenvolvê-lo:

“(...) as crianças superdotadas e talentosas são aquelas que possuem **ou são capazes de desenvolver** este conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valorizada do desempenho humano.” (Renzulli, 1999, p.85 - grifo no original)

Podem ser utilizados como critérios na identificação a conjunção de diversos aspectos, objetivos e subjetivos, tais como: escores de testes psicométricos, notas escolares, indicação de professores, indicação dos próprios colegas de classe ou qualquer outra informação que venhamos a obter sobre o desempenho e o talento de um dado sujeito.

Ao propor uma definição de superdotação que não se pauta estritamente nos dados obtidos em testes e que inclui uma dimensão qualitativa na identificação (produtivo-criativa), Renzulli foi muitas vezes criticado.

O autor faz questão de refletir sobre a associação da teoria com a prática, construindo suas teorias nesse encontro: “(...) isto me permite estar em contato com as imagens, sons, cheiros das escolas e salas de aula reais e com os desafios práticos e políticos das pessoas que nela trabalham” (Renzulli, 1999, p.77).

Sua preocupação com a prática é evidente, não somente em sua própria atividade prática como também no incentivo a seus alunos para que busquem atuações práticas como expressão de seus talentos.

“(...) eu acredito ser a parte mais importante da Concepção dos Três Anéis e do Modelo Triádico de Enriquecimento, (...) encorajar os jovens a aplicar sua capacidade, criatividade e comprometimento com a tarefa na solução de problemas de suas escolas e comunidades, que são significativos para eles. Há muito tempo eu acredito que incentivar este tipo de envolvimento resultará no desenvolvimento de valores centrados no uso das habilidades e dos talentos de cada um para melhorar o nosso mundo. Estes tipos de envolvimento também trazem oportunidades de cooperação real (e não atividades cooperativas pré-determinadas), uma melhor compreensão da capacidade individual de fazer a diferença e a

oportunidade de experienciar sentimentos reais e lidar com eles.” (Renzulli, 1999, p.103)

Mas há ainda quem questione: vale a pena investir nessa população? Não seriam poucas as crianças/pessoas contempladas?

Veremos que com a ampliação do conceito de inteligência e conseqüentemente de AH/SD, temos um número considerável de indivíduos necessitando de atenção especializada.

Segundo Sabatella (2008), mesmo que nos pautássemos numa seleção realizada exclusivamente pela classificação dos escores obtidos em testes de QI, os números mostram que já se justificaria a atenção a esse tema:

“Embora a Organização Mundial de Saúde (OMS) estime que os superdotados concentram-se na faixa de 3,5 a 5% da população geral, esses dados baseiam-se apenas nos resultados obtidos em testes tradicionais de QI, que não são instrumentos conclusivos para identificar todos os tipos de habilidades. Se considerarmos este dado, mesmo sabendo que é uma estimativa inferior à realidade, em nosso país, teríamos quase 9 milhões de pessoas incluídas nesse universo.” (p.12)

É também interessante observarmos que, ao contrário do que se costuma acreditar, nem toda criança com alto QI mostra um bom rendimento escolar.

“Não é difícil encontrarmos crianças com grande inteligência e alto QI que mostrem rendimentos escolares baixos ou medíocres e, até mesmo, baixas pontuações em testes padrão de desempenho.” (Sabatella, 2008, p.120)

Também é verdade que indivíduos superdotados que apresentam desempenho acadêmico exemplar podem não ter altos resultados nos testes psicológicos.

Tais afirmações podem ser ocasionadas por múltiplos fatores que, esperamos, fiquem claros no decorrer deste trabalho.

Devido a tantas mudanças nas conceituações sobre inteligência e superdotação, cabe esclarecermos alguns conceitos da forma como são hoje empregados.

Talento não é sinônimo de AH/SD. Uma pessoa pode ter um talento em alguma área, porém o mesmo só se tornará AH/SD caso esse talento seja desenvolvido. Dra. Erika Landau diz que quando uma pessoa não tem oportunidades para se desenvolver, “o talento fica perdido” (2011).

Na literatura científica o termo “gênio” é empregado para se referir a adultos com AH/SD que ofereceram uma grande contribuição social/histórica. Freeman e Guenter (2000) os descrevem como os poucos “(...) que fizeram impacto inovativo e duradouro em escala global, tipicamente Albert Einstein, Marie Curie, Leonardo da Vinci ou Pablo Picasso” (p.24).

É interessante percebermos o poder da palavra e dos significados que ela carrega. É comum que educadores, no afã de encontrarem crianças com AH/SD em suas salas de aula e mal informados sobre as AH/SD e suas terminologias, busquem “gênios”, ou seja, que acreditem que para ter AH/SD é necessário estar no nível de um “Beethoven”. Como consequência, não os encontram, pois para ser considerado com AH/SD há um espectro de possibilidades. Dos alunos que estão acima da média, alguns estão definitivamente acima da média, outros nem tanto, mas mesmo assim podem ser considerados como tendo AH/SD.

Tal conceituação errônea atinge não somente os educadores, mas também familiares e os próprios indivíduos com AH/SD, como é o caso de Marcos, nosso entrevistado: *“Eu não me considero superdotado. Superdotados são gênios, como Mozart, Einstein, são pessoas incríveis. Eu sou só uma pessoa comum”* (2011).

Apesar de perceber-se diferente, acima da média, não se vê como tendo AH/SD. É como se precisasse ser muito excepcional para fazer parte desse grupo de indivíduos; como se tal grupo fosse extremamente seletivo.

“Eu definitivamente não me considero um superdotado. Eu acho que eu sou, talvez bem acima da média, em termos intelectuais, em termos de capacidade de aprendizagem, mas, superdotados eu acho que são as crianças que, logo de cara, você,

talvez seja até um modelo errado que eu tenha, eles se destacam em alguma coisa e todo mundo fala: puxa. (...) Eu acho que até... eu, eu me considero um pouquinho acima da média. Em termos de aprendizado eu sou bem acima da média. Eu aprendo as coisas muito rapidamente, sou muito exigente, então, explicações para mim têm que ser, têm que ter uma explicação técnica, senão eu perco totalmente o interesse.” (Marcos, 2011)

Há ainda as crianças “índigo” e as crianças “cristal”, que são assunto polêmico e muito pouco citado na literatura científica. Seriam crianças que apresentariam alguma habilidade especial que poderia estar ligada ao cuidado com o planeta, à harmonia entre os seres humanos, ao cuidado com a natureza e os seres vivos, chegando até a apresentarem habilidades associadas ao que tem sido denominado paranormalidade. Suas características se assemelham muito às das crianças com AH/SD (alta capacidade de concentração em temas de seu interesse, memória privilegiada, curiosidade aguçada, avidez por novidades etc.), porém, normalmente expressam essa necessidade de cuidado do humano, da natureza, do planeta. Na Escola de Metafísica⁹ os chamam de “Homem Espiritual Intuitivo” (Condron, 2008, p.15).

Há ainda as crianças “Prodígio”. Segundo Gama (2006), “(...) a forma mais extrema da precocidade é o ‘prodígio’” (p.59). Continua a autora: “(...) ocorre muito raramente. Ler aos cinco anos, antes do ensino formal da leitura, é um comportamento precoce; porém, não se compara com ler com dois ou três anos.” (p.59). O termo “prodígio” é utilizado somente para se referir a crianças, ou seja, não se aplica a adultos. Winner (1998) também discorre sobre as crianças prodígio dizendo:

“Um prodígio é simplesmente uma versão mais extrema de uma criança com superdotação, uma criança tão superdotada que desempenha em algum domínio um nível adulto. Quando uso o termo *superdotada*, me refiro a todas as crianças superdotadas, incluindo as que chamamos de prodígios. Quando uso o termo *prodígio*, me refiro apenas aos casos mais extremos.” (p.13 – grifo no original)

⁹ School of Metaphysics [Escola de Metafísica] de Windyville, Missouri. Fundada em 1973 pela jornalista e escritora Barbara Condron.

Quanto à precocidade, segundo Winner (1998), está presente em todas as crianças com AH/SD: “as crianças superdotadas são precoces” (p.12).

Howard Gardner compreende os prodígios segundo a mesma definição apresentada por D. Feldman (1986) e E. Winner (1996), afirmando que a pessoa prodígio:

“(…) se destaca numa área de desempenho específica e é talentosa, ou pelo menos mediana em outras áreas, (...) tende a aparecer em áreas governadas por regras e que exigem pouca experiência de vida, como o xadrez, matemática, desenho figurativo e outras formas de reconhecimento e criação de padrões.” (Gardner, 2001, p.54)

Marcos seria um exemplo de criança superdotada. Relata reconhecer em si mesmo, em idade escolar, uma rapidez de aprendizagem:

“(…) eu acho que eu tinha uma capacidade de aprendizado muito rápida, eu observava, e se o professor era bom, isso era muito importante, eu aprendia muito depressa e eu praticamente não precisava fazer anotação nenhuma, e eu acho que memorizo, eu interiorizo isso na minha cabeça muito bem.” (2011)

Como já vimos, os autores que estudamos afirmam que tão importante quanto as características biológicas de cada criança é o meio em que ele se encontra. Um meio inadequado pode nunca oportunizar a descoberta de talentos e muito menos o desenvolvimento dos mesmos. “A criança superdotada necessita (...) de um ambiente que lhe permita a realização de sua potencialidade intelectual, emocional e social” (Landau, 1990, p.53). Deve-se destacar, na fala de Marcos, a referência que ele faz à condição de “*se o professor era bom*”, sua aprendizagem ocorria com facilidade.

É comum que a criança, apesar de perceber-se diferente, não compreenda muito bem o que acontece com ela. Raramente tem a oportunidade de crescer em um ambiente que compreende as particularidades das AH/SD, que reconhece os seus talentos e os incentiva.

O entrevistado Marcos (2001) afirma: *“Eu não sei se é o meio ambiente que nunca percebeu isso, pode ser até que eu tivesse um pouco dessa característica, mas eu francamente nunca me considerei superdotado”*.

Em ambientes menos privilegiados a situação se agrava. Crianças talentosas, raramente identificadas e apoiadas em suas necessidades específicas e estando em permanente contato com drogaditos, pessoas em conflito com a lei, traficantes etc., podem acabar utilizando suas habilidades de uma forma negativa para si mesmos e para a sociedade.

“Sua potencialidade é latente. Ignorados eles são. Seus caminhos por vezes desembocam em ações destrutivas e anti-sociais. Assim, não é de se espantar que uns poucos superdotados, oriundos de grupos desfavorecidos socialmente, se achem em programas voltados a talentosos e tantos outros se encontrem alojados em prisões.” (Landau, 1990, p.30)

Por outro lado, um meio com estímulos adequados, que responda aos anseios e desejos da criança, que oportunize segurança e liberdade de exploração e autoconhecimento, certamente contribui para o desenvolvimento global de toda criança. Barrett (1992) afirma que:

“A capacidade do aprendizado pode aumentar ou diminuir em 25% ou mais, dependendo do meio de incentivo e estímulo em que o indivíduo se desenvolve. O processo de retenção das informações é melhorado pela qualidade, força e velocidade com que os estímulos são transmitidos. Uma metodologia de ensino pode, conseqüentemente, incentivar o crescimento de ramificações dos dendritos, a complexidade da rede de conexões entre os neurônios e alterar a quantidade de células gliais. Uma ativação intensa, como um exercício desafiante de aprendizagem, possibilita um considerável aumento no número das sinapses. Assim, amplas oportunidades de exploração do conhecimento podem alterar a estrutura do cérebro humano.” (apud Sabatella, 2008, p.27)

Quando falamos em “meio”, especialmente ao nos referirmos a crianças, estamos focando prioritariamente a família e a escola, mas não se pode deixar de incluir a sociedade, enfim, todas as pessoas que de alguma forma convivem com o indivíduo com AH/SD. Cada pessoa, ao se informar sobre as AH/SD, reconhecendo

potenciais, a diversidade de talentos e de suas manifestações, pode oferecer oportunidades a vizinhos, amigos, parentes, para que novos talentos sejam descobertos e desenvolvidos. Quando a sociedade estiver preparada, os talentos se manifestarão e haverá espaço para o seu florescimento. “Estando o meio circundante apto a aceitar o superdotado, pelo que ele é, seus talentos não se tornam um problema” (Landau, 1990, p.67).

Ocasionalmente vemos exemplos que demonstram os benefícios desse apoio social que, por sorte, às vezes acontece. Temos um belo exemplo no depoimento de Marcos, que já se percebia amante da química desde os seis ou sete anos.

“(...) acho que faltou para mim foi um pouco de disciplina, porque o ambiente que eu vivia, que é o ambiente dos negócios dos meus pais, não era um lugar onde você tinha desafios intelectuais, isso eu acho muito importante, especialmente para os primeiros cinco anos da vida de qualquer criança, então era um ambiente muito descontraído, muito pouco intelectual, meus pais mesmo nunca tiveram mais que três ou quatro anos de escola. (...) eu morava ali na (nome da rua) e o meu melhor amigo de infância era filho de um grande farmacêutico que, aliás, dá o nome a uma avenida importante aqui no (nome do bairro). E nós fazíamos muitas experiências químicas porque o pai dele tinha produtos químicos na farmácia, a gente sempre estava mexendo com isso, eu lembro de dissolver moedas com ácido, não sei por que é que tinha ácido na farmácia, mas tinha (risos), a gente dissolvia moedas e eu, ele então, fizemos assim uma intensa... ah... isso foi até os dez anos, acho. (...) acho que aí o estímulo intelectual começou muito forte por conta da minha convivência com essa família.”
(2011)

O apoio pode ser em relação ao aprofundamento nos temas de interesse da criança, pode ser um apoio emocional e/ou financeiro. Um apoio que abra oportunidades.

“Eu acho que isso ajudou muito, até alicerçou a minha ida para os Estados Unidos, porque quando eu fui para lá pela primeira vez, o primeiro contato que eu fiz, foi com a família do irmão dele, eu acabei indo morar na casa deles, então foi uma coisa muito fácil para mim.” (2011)

Não significa dizer que devemos sobrecarregar as crianças com atividades e expectativas que nós tenhamos em relação a elas, mas que devemos estar atentos aos seus chamados, que nem sempre se expressam verbalmente, que nem sempre estão claro para a própria criança. É necessário estar atento e ao seu lado e a serviço, para ajudá-la a descobrir o seu próprio caminho.

“(...) você precisa estar lá para que ela possa saber que ela tem a autorização para ser o que pode ser e que não necessita ser o que dizem que ela precisa ser (You can be as you could be, and you don't have to be what you must be). Isso é algo muito importante para a criança e é muito importante para mim, como uma cidadã do meu país, porque é muito importante estar ciente de que estas crianças são o futuro. Tentando começar um futuro... Os futuros políticos, os futuros professores, os futuros de todas as áreas. Então é importante para mim que a criança esteja ciente do que pode ser. A criança superdotada, (...) ela quer ser compreendida, não quer estar tão sozinha, ela quer ser parte da sociedade, ela quer ser o que ela poderia ser e não o que dizem a ela que ela tem que ser (He wants to be what he could be and not what he must be). (pausa) Dependê da sociedade.” (Landau, 2011)

Há também uma ideia errônea de que se oferecermos programas avançados a uma criança, por exemplo, no campo da música, ela se tornará uma excelente musicista. Nesse caso, para se tornar uma criança com AH/SD, há que se ter primeiro o potencial para música. Uma criança sem o potencial pode aprender a tocar muito bem um instrumento, porém não se tornará uma criança com AH/SD só por ter treinado muito, nem se tornará um virtuose. Por outro lado, podemos afirmar com base na entrevista concedida por Landau (2011), que uma criança com potencial para música só se terá AH/SD em música se tiver o seu potencial desenvolvido, dedicando-se com afinco ao treino de um instrumento ou da teoria musical, se houver oportunidade para que ela possa fazer isso.

Mesmo que uma criança nasça com um talento específico, precisa aprender a utilizá-lo; não basta ter talento. A Dra. Erika Landau (1990), compara a criança com AH/SD a um corredor de longa distância:

“Podemos comparar a criança superdotada com o fundista – o atleta que corre longas distâncias – porque está adiante da maioria. Porém é muito provável que essa posição de frente se evidencie mais no aspecto intelectual e a criança se encontre emocionalmente solitária. Se não formos capazes de ajudá-lo, o superdotado pode desistir, conformar-se (...).” (p.1)

Na entrevista concedida em 2011, Dra. Landau aprofundou-se no tema:

“Se você deixar a criança correr, aquele corredor de longa distância, ok? Ela precisa ser ensinada a respirar para que possa correr melhor, e a trabalhar com continuidade e não parar e recomeçar. Você precisa fazer todas essas coisas. Meu desafio (...) é que eu preciso continuar, eu não posso parar aqui. Eu preciso continuar. Eu preciso respirar (ela provoca respirações forçadas), eu preciso deixar o ar entrar e sair. Ela precisa aprender tantas coisas, **porque a dotação por si só não é suficiente**. Mas você precisa de muitas, muitas, outras coisas para criar algo novo a partir de si próprio. Por si mesmo. Está claro?” (2011 - grifo meu)

Devemos estar atentos às demandas de todas as crianças e oferecer-lhes oportunidades de acordo com seus desejos e motivações. Caso ela venha a ter AH/SD naquela área, estará bem atendida e caso não o tenha, também estará satisfeita com a oferta. Afinal, a grande preocupação ao apoiar o crescimento de qualquer criança é contribuir para que ela se desenvolva de uma forma global (biopsicossocial). Com a criança superdotada não é diferente: “Não estamos interessados apenas na inteligência dos superdotados, mas na sua personalidade global” (Landau, 1990, p.19).

Alguns pesquisadores acreditam, assim como nós, que há uma base biológica para que o talento se manifeste. Sabatella (2008), ao analisar resultados de uma pesquisa realizada por Diamond (2005) e publicada em 1998, conclui:

“Os resultados dessas investigações têm comprovado que os indivíduos muito inteligentes e os superdotados são biologicamente diferentes – sua estrutura cerebral dispõe de maior número de células gliais e conexões sinápticas, resultado da interação favorável entre padrões genéticos e oportunidades proporcionadas pelo meio.” (p.29)